



Diana.

134. Parque (D). Lp/p, 45,8 x 59,6, as. dir., dat. N. Y. 46.
135. Iniciação da puberdade entre índias canelas (P). Ol/t, 130 x 195, as. dir., dat. 65.
136. Sítio de Corumbê em Parati (P). Ol/t, 130 x 195, as. dir., dat. 65.
137. Grande cabeça copiada do gesso (D). Cv/p, 59 x 44, as. esq., dat. 40.
138. Bilheteria do parque de diversões (G). Ps/p, 15,1 x 10,1. Tir. de 30, rec.
139. Mercado na Bahia (G). Ps/p, 12,5 x 17,6. Tir. de 30, rec.
140. Mulher passando a ferro (G). Ps/p, 15 x 10,1. Tir. de 35, rec.
141. Parque de Diversões (G). Xil/p, 10,2 x 15. Tir. de 37, rec.
142. Fazenda de Café (G). Xil/p, 15,2 x 23. Tir. de 35, rec.
143. Moenda (G). Ps/p, 17,2 x 25,3. Tir. de 35, rec.
144. Fazenda de Café (G). Ps/p, 20,3 x 25,1. Tir. de 24, rec.
145. Colheita de Café (G). Ps/p, 15,1 x 20,2. Tir. de 25, rec.
146. Fazenda de Café (G). Xil/p, 22,5 x 30,6. Tir. de 35, rec.
147. Anjo com Violino (G). Ps/p, 15,2 x 10,2. Tir. de 12, rec.
148. Duas figuras despidas (G). Xil/p, 15 x 10. Tir. de 12, rec.
149. Menino com pipa (G). Ps/p, 15 x 10. Tir. de 12, rec.
150. Escolhendo café (G). Ps/p, 12,6 x 17,5. Tir. de 10, rec.
151. Soldador (G). Zn/p, 14,1 x 9,4. Tir. de 12, rec.
152. Cabeça com anjos (G). Br/p, 25,1 x 16,5. Tir. de 10, rec.

museu de arte moderna do rio de janeiro 11 de maio a 4 de junho

lay-out : kiki basilio
 clichês : lattmayer
 gráfica : marques-saraiva

Para Serpa
 a Djanira,
 10 - 5 - 67

DJANIRA,

DJANIRA DE SANTA TEREZA — Martim Gonçalves.

Casarão de Paula Mattos. 1943. Djanira, em lágrimas, decide entre os afazêres domésticos e a pintura. A pintura vence nos quadros, reproduzindo os recantos do casarão. Onde moram artistas: o escultor espanhol Boadella, o pintor rumeno Emeric Marcier, o pintor brasileiro Da Costa. Djanira sempre pintando descobre um mundo novo de poesia. Repentinamente, a fortuna bate-lhe a porta. E com o dinheiro herdado, ela compra logo uma harpa. Objeto útil para os anjos que ela pinta sobre nuvens de algodão. Outros anjos tocam mínimos violinos que a pintora pendura nas paredes do seu atelier. Ela vai morar num apartamento da rua Santo Amaro. A cama coberta de damasco vermelho. E muito cheiro de tinta a óleo pelo ar. Mas Santa Tereza ficou chamando-a de volta. Tantos amigos em Santa Tereza; Chabloz, que toca violino e pinta paisagens noturnas; os bichos Arpad e Maria Helena (Vieira da Silva); Scliar dividindo-se entre o cinema e a pintura, inquieto; Rubem Navarra criticando, inteligente e mordaz, Martim Gonçalves, Mariuza Fernandes, Marcier, Da Costa, Loeffler, todos êles terezinos. E Djanira volta para o meio dêles, num chalé, com varanda «a cavaleiro da entrada da barra». É o momento das descobertas: descobre a linha do desenho e as côres vivas da sua futura pintura. Saquinhos multicores pendurados a um canto do atelier, transformam-se nas grandes bolas que um garôto de olhos negros, segura com amor. O amor de Djanira pelas coisas simples do mundo. A infância volta-lhe do passado, nas cenas de campo, nos cafezais, nas festas de arraial, nos circos com os seus cavalinhos amestrados ou as rodas gigantes de fantásticos parques de diversões. Seus amigos, mostram-lhe quadros célebres em fabulosos livros de arte. E ela sente de repente a vontade de viajar e ver de perto a verdade dêsses quadros. Pintar crianças patinando na neve do Central Park, Nova York. Não fala inglês, pouco importa. A sua pintura todo mundo entende. Eleanor Roosevelt escreve-lhe um artigo. E Djanira volta ao Brasil. Vai viver numa casa de subúrbio, onde refaz o seu ambiente, cheio de objetos que lhe são caros na sua aparente inutilidade, mas carregados de significações que se traduzem em pintura. No quintal, muitos bichos: galinhas, marrecos, porcos. Djanira tem sempre um papagaio a lembrar-lhe as origens tribais. Não resiste e vai até a fonte. É recebida pelo pagé da tribo como um familiar. As andanças de Djanira são tantas, encontra tanta gente, recebe e recolhe tantas impressões. Mas volta sempre àquele local, onde a sua paixão pela pintura nasceu. Volta sempre para Santa Tereza, seja para o atelier localizado numa sala de varanda sobre jardim, na casa encarapitada no morro, para a qual a gente subia de bondinho, ou agora para um estúdio maior e sempre olhando o mar, «a cavaleiro da entrada da barra», como dizia Manoel Bandeira, outro terezino. Mesmo quando a artista mudou-se com armas e bagagens para a cidadezinha longínqua de Parati, o seu destino estava traçado, tinha que voltar para Santa Tereza. E lá está ela de novo. Criando aos poucos a sua atmosfera de casa e de trabalho — um atelier que é sempre a reunião de todos os outros, que a artista teve, nas suas andanças, de cá pra lá. E de lá pra cá, estão de novo reunidos o seu papagaio predileto, os seus cachorros (a Feiticeira, para quem ela compõe poemas e canções), os seus marrecos inquietos quebrando o silêncio de um pátio que se delinea já como um velho claustro de artista que ama o retiro e a meditação. No seu novo atelier improvisado e em formação, Djanira tira sons tristonhos e saudosos de um pequeno órgão, acompanhando a canção de amor pelo peixinho dourado, que ela ama, como ama a gente e os animais que estão a sua volta. De tantas andanças, os olhos de Djanira estão cheios de imagens queridas e plenas de côr, de linhas que se cruzam e que se entrelaçam circunscrevendo os espaços, identificando as gentes e os objetos — a guitarra, o chale de Manilla, as imagens de santos barrocos, os potes de tinta, a pequena estante rústica feita de caixotes, da qual ela nunca se desfaz. E é uma responsabilidade reconstituir todo êsse mundo de poesia, procurando estabelecer relações, manter o amor da artista por tudo isso que compõe e constitui o seu atelier. A tentativa foi feita, com o carinho do amigo e do colega. Será que os objetos continuam a falar a mesma linguagem, de Santa Tereza?

Atelier Djanira / Exposição no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro / 1967

DJANIRA EM NOVA DIMENSÃO : O ATELIER — Jayme Maurício

O sentido desta exposição do atelier de Djanira não se enquadra nos padrões tradicionais das mostras de museus, mas está explícito em seu título; ou seja, mostrar a intimidade do local de trabalho da pintora, seu meio ambiente, seus objetos amados, os quadros de que não se desfaz, os objetos de arte de que se cerca, os estudos, os desenhos que representam a grande escalada, dos primeiros dias hesitantes e espontâneos ao nível atual de uma pintura tecnicamente desenvolvida e formalmente voltada para a temática brasileira em seus aspectos mais expressivos. Poder-se-ia talvez chamar esta mostra de «O mundo de Djanira», se não tivéssemos, então, que incursionar por vários outros planos que não o da sua pintura, pois que Djanira é mulher de muitos mundos e muitas facetas, sempre generosas, fecundas.

O grande público, para o qual em última instância é dirigida esta mostra, jamais teria a oportunidade de ver e sentir a suave e humana atmosfera em que Djanira cria suas telas, se não fosse esta iniciativa do Museu de Arte Moderna, que abre perspectivas para mostras sempre novas e renovadoras, alheias ao tradicional museológico, na linha que preocupa os museus de todo o mundo, inclusive o Louvre (que iniciou, de maneira semelhante, a longa série de inovações características da atual tarefa de André Malraux à frente do Ministério da Cultura da França, apresentando o atelier de Braque, há alguns anos). Evidentemente, o povo não terá toda a atmosfera em que vive e trabalha a grande pintora, que é a mais festejada, divulgada e louvada mulher da pintura brasileira de todos os tempos. Mais do que a histórica Tarsila do Amaral, ou a legendária Anita Malfatti, pioneiras do movimento modernista; mas terá uma idéia muito aproximada, exata, do que é importante ver e conhecer no atelier de um artista, na seleção de tudo o que constitui o seu mundo íntimo e que revela um pouco da história da sua vida, romântica, dramática, intensamente rica e vivida, desde o seu nascimento — de índia com austríaco — ao reconhecimento como uma das expressões mais forte do Brasil culto e consciente, editada em prosa e verso em várias línguas. Sem perder suas características de pureza e simplicidade, explorando o folclore e os tesouros da emoção popular brasileira, de norte a sul, sua pintura cumpriu um ciclo evolutivo que a afastou para sempre de quaisquer analogias com a pintura *naive*, primitiva ou ingênua, de onde veio, mas cuja indigência técnica superou para alcançar os planos mais amplos e sérios de uma realidade plástica que resiste à análise da crítica mais exigente, desde que não ortodoxa, sensível à expressão poética dos valores regionais de uma cultura, de um povo.

E podemos acompanhar agora, através de obras que talvez nunca viessem à público, se não numa mostra desta natureza, a lenta e aplicada evolução de toda uma vida rica de criação, sinceridade, de estudo e constante aperfeiçoamento. Grande e magnífica Djanira, pintora da alma pura que transforma banalidades em grandes emoções, e de um nada exterior cria uma imensa riqueza interior, pintora de anjos e santos, de negros e brancos, de plantas e cafezais sem fim, das ruas da velha Paratí e da paisagem carioca, dama ilustre deste Brasil subdesenvolvido capaz, entretanto, de uma Djanira.

Aí estão êsses quadros da coleção particular da pintora — os Djaniras de Djanira — todos êsses desenhos de datas antigas, gravuras e chapas, guaches, anotações, etc., êsses objetos, essas fotografias, que testemunham a vida de uma das grandes mulheres da vida brasileira contemporânea. A Djanira mística, humana, estudiosa, cultivada, alegre e sofrida, otimista e preocupada, forte como uma autêntica índia que o sangue austríaco não empalideceu, numa exposição única e rara, que talvez nunca mais venha a ser vista.

Não cabe, no espaço destinado a esta simples saudação, a análise mais detida de uma obra cuja extensão poderá ser rapidamente avaliada apenas pelo «inventário» que consta deste catálogo-cartaz. A leitura desse «inventário» no entanto será suficiente para se ter uma idéia das dimensões que tomaram esta mostra, originariamente destinada somente a uma revelação intimista do atelier da pintora. Mas que se tornou insuficiente em face das dimensões não só da gravidade com que Djanira aceitou o convite como também, ou sobretudo, pela riqueza e pelo inesperado do esplêndido material de que, de fato, é constituído o atelier da pintora.

Tôdas as obras foram medidas com auxílio de fita metálica, no dorso, sendo as medições dadas em centímetros, na ordem altura x largura.

O sinal + que aparece após as medições indica que essas foram tomadas na face da obra já emoldurada (superfície visível).

Um ponto de interrogação entre parêntesis (?), após uma data, indica a data aproximada de elaboração da obra.

Foram utilizadas as seguintes abreviações:

as. — Assinado
Br. — Buril
Cr. — Crayon
Ct. — Cartão, cartolina
Cv. — Carvão
(D) — Desenho
Dat. — Datado
Dir. — Direita
Esq. — Esquerda
Euc. — Eucatex
Fus. — Fusain
G. — Gouache
(G) — Gravura
Lp. — Lápis
Nq. — Nanquim
Ol. — Óleo
p. — Papel
(P) — Pintura
Pc. — Pincel Atômico
Ps. — Pastel; ponta-sêca (conforme precedido de (P) ou (G)).
rec. — Recente (refere-se a tiragem gráfica realizada em 1967).
s/d. — Sem Data
t. — Tela
Tir. — Tiragem
Tp. — Têmpera
Xil. — Xilogravura
Zn. — Zincogravura

Não houve preocupação de dispor as obras em ordem cronológica, por grupos temáticos ou por meio expressivo, o que será evidentemente feito no Catálogo Geral, em elaboração.

José Roberto Teixeira Leite

1. Sanfoneiro (D). Lp/p, 22 x 30,6, as. dir., dat. 54 Bahia.
2. Vendedora de carimã (D). Lp/p, 22 x 30,6, as. dir., dat. 54 Bahia. / Executado no dorso do nº 1 /.
3. Estudo de Via Sacra (D). Lp/p, 26,7 x 18,4, as. esq., s/d.
4. Estudo de Via Sacra (D). Lp/p, 26,7 x 18,4, as. esq., s/d. / Executado no dorso do nº 3 /.
5. Festa de São João (D). Pn/p, 29,5 x 21,9, as. esq., dat. 49.
6. Peixes e estrela do mar (D). Lp/p, 21,9 x 29,5, as. esq., 1949 (?) / Executado no dorso do nº 5 /.
7. Bailarina da Ópera de Pequim (D). Nq/p, 43 x 31,8, as. dir., 1958 (?)
8. Corista da Ópera de Pequim (D). Nq/p, 36,5 x 18, as. dir., 1958 (?)
9. Igreja de São Domingos, Bahia (D). Lp/p, 31 x 21,2, as. dir., dat. 55.
10. Convento de São Francisco, Bahia (D). Lp/p, 31 x 21,2, as. dir., dat. 55.
11. Estudo de retábulo (D). Pn/p, 32 x 23,5, as. dir., 1958 (?)

12. Cristo na Cruz (D). Pn/p, 22 x 15, as. dir., dat. 41 / Estudo para o óleo na coleção Aloísio de Paula, GB /.
13. Rosto feminino (D). Cr/p, 30,5 x 23, as. esq. a tinta, s/d.
14. Vendedor de balões de gaz (D). Pn/p, 30,2 x 23, as. dir. a tinta, dat. 48.
15. Parque de diversões (D). Pn/p, 28 x 22, as. esq., dat. N. Y. 46.
16. Parque de diversões (D). Pn/p, 28 x 22, as. dir., dat. N. Y. 46.
17. Figura na praia (D). Lp e pn/p, 41,5 x 33,2, as. cent., dat. N. Y. 45.
18. A Deposição (D). Lp/p, 22,5 x 15,2, as. dir., dat. 42.
19. Paisagem do Recôncavo (D). Pn/p, 15,8 x 22,5, as. dir., dat. 54.
20. Sete figuras na praia (D). Pn/p, 35,5 x 47, as. dir., dat. N. Y. 45.
21. Estudo de cavalos (D). Lp/p, 23,5 x 33, as. esq., dat. 53.
22. Esquina em Parati (D). Lp/p, 31 x 24, as. dir., dat. Paraty 57.
23. Estudo de navio e guindaste (D). Pn/p, 23,3 x 32,3, as. dir., s/d.
24. Estudo de cais (D). Pn/p, 19,7 x 22,8, as. dir., E/d.
25. Figuras no cais (D). Pn/p, 22,7 x 33, as. dir., s/d.
26. Festa de São João (D). Pc/p, 30 x 22,7, as. esq., dat. 47.
27. Paisagem de Parati (D). Nq/p, 32,2 x 45,7, as. dir., s/d.
28. Figuras em Parati (D). Nq/p, 32,5 x 46,3, as. dir., s/d.
29. Santíssima Trindade (D). Lp/p, 32,5 x 47,5, as. dir., Ouro Preto, s/d.
30. Imaculada Conceição (D). Lp/p, 63,5 x 48, as. dir., dat. 58.
31. Cristo à coluna (D). Lp/p, 63,5 x 48, as. esq., dat. 58.
32. Paisagem de Ouro Preto (D). Lp/p, 48 x 63,5, as. esq., dat. 57. / Estudo para o óleo na coleção Castro Maya, GB /.
33. Casa dos Contos, Ouro Preto (D). Lp/p, 48 x 63,5, as. dir., dat. 57.
34. Cabeça (D). Cr e lp/p, 31 x 23, as. dir., N. Y., 1945 (?). / Cópia de pintura de Picasso /.
35. Figuras (D). Lp/p, 31 x 23, as. dir., N. Y. 1945 (?). / Cópia de pintura de Picasso /.
36. O Sonho do Menino Pobre (D). Lp/p, 31 x 38,5, as. dir., dat. N. Y. 945. / Estudo para o óleo na coleção James Amado, GB /.
37. Menina à varanda (P). G/p, 37,3 x 32,2, as. esq., dat. 56. / Ilustração para texto de Xavier Placer /.
- 37a. Menina à varanda (P). G/p, 37 x 32, as. dir., dat. 56. / Variante do nº 37. A correção na data, de 46 para 54, feita pela própria artista /.
38. Cupido e Menina (P). G/p, 36 x 32,5, as. esq., dat. 56. / Ilustração para texto de Xavier Placer. Quanto à correção observável na data, ver o que ficou escrito para o nº 37a /.
39. A Ilha Verde (P). G/p, 32,5 x 37,7, as. dir., dat. 56. / Ilustração para texto de Xavier Placer. Quanto à correção observável na data, ver o que ficou escrito para os nºs 37a e 38.
40. Estudo de bois (P). G/p, 23,4 x 33, as. dir., dat. 58 Minas, Z Mata.
41. Trator (P). G/p, 16 x 24, as. dir., 1954 (?).
42. Mulher e rosas (P). G/p, 46,4 x 32,5, as. dir., s/d.
43. Estudo de feirantes e pescadores, com friso de barcos (P). G/p, 32,5 x 46,8, as. dir., 1965 (?).
44. Composição (D). Lp côm/p, 32,4 x 46,8, as. dir., s/d.
45. Charuteira (D). Lp côm/p, 47,5 x 32,6, as. esq., dat. 54 Cruz das Almas Bahia. / Estudo para o óleo na coleção Edgard de Almeida, GB; gouache na coleção Joaquim Pedro de Andrade, GB /.
46. Paisagem de Avaré (D). Lp côm/p, 23,5 x 31,9, as. esq. lp., s/d. / Até à presente data, trata-se da única obra representando a terra natal da artista /.
47. Manocando fumo (D). Lp côm/p, 47,5 x 33, as. esq. lp, dat. 54.
48. Bananal em Parati (D). Lp côm/p, 32,7 x 23,1, as. dir., 1964 (?) / Estudo para um painel no Banco do Estado da Guanabara /.

49. Adoração dos Anjos (P). G/p, 31,8 x 46,4, as. dir. lp., s/d. / Com inscrição a cr.: Executado com a mão esquerda /.
50. Cristo açoitado (P). G/p, 31,8 x 46,7, as. dir. lp., s/d. / Com inscrição a cr.: Executado com a mão esquerda /.
51. Flagelação de Cristo (D). Fus/p, 21,8 x 46,5, as. dir., s/d.
52. Nossa Senhora da Piedade anjos (D). Fus/p, 31,5 x 46,7, as. dir., s/d. / Com inscrição a tinta: Executado com a mão esquerda /.
53. Paisagem de Ouro Preto (D). Lp côm/p, 22,5 x 33, as. dir., s/d.
54. Rosto masculino (D). Lp. côm/p, 32,3 x 23,5, as. cent. lp., dat. 2-4-944.
55. Menina com capote (D). Pn/p, 15,7 x 10,7, as. dir., dat. N. York 45.
56. Rosto masculino (D). Pc/p, 47 x 31,5, as. esq., s/d.
57. Rosto feminino (D). Pc/p, 46,5 x 31,7, as. dir., s/d.
58. Rosto feminino (D). Pc/p, 46,7 x 31,8, as. dir., s/d.
59. Rosto feminino (D). Pc/p, 46,7 x 31,8, as. dir., s/d.
60. Rosto feminino (D). Pc/p, 46,7 x 31,8, as. esq., s/d.
61. Rosto feminino (D). Pc/p, 46,7 x 31,8, as. esq., s/d.
62. Namorados nº 1 (D). Pc/p, 46,7 x 31,8, as. dir., s/d.
63. Namorados nº 2 (D). Pc/p, 46,7 x 31,8, as. dir., s/d.
64. Brinquedos infantis nº 1 (D). Pc/p, 31,5 x 46,7, as. dir., s/d.
65. Brinquedos infantis nº 2 (D). Pc/p, 31,5 x 46,7, as. dir., s/d.
66. Festa de São João (D). Pc/p, 46,7 x 31,5, as. dir., s/d.
67. Festa de São João (D). Pc/p, 46,7 x 31,5, as. dir., s/d.
68. Moenda de Cana (D). Pc e lp/p, 25 x 33 +, as. dir., s/d. / Estudo para o óleo na coleção Adolpho Bloch, GB /.
- 68a. Estudo de Forno de Farinha (D). Pc/p, as. dir. lp, s/d. / Executado no dorso do nº 68 /.
69. Rosto feminino (D). Pn/p, 22,5 x 15 +, as. dir., dat. N. Y. 46.
70. Rosto feminino (D). Lp/p, 46,6 x 32,5 +, as. dir., s/d.
71. Mulheres e tear (D). Cv/p, 48,6 x 62,6, as. dir., 1960 (?). / Estudo para o óleo na coleção José Cândido Ferraz, GB /.
72. Madona com o Menino (D). Cv/p, 63,3 x 48, as. esq., s/d.
73. Cristo na Cruz (D). Cv/p, 48 x 63,3, as. esq. s/d.
74. Sanfoneiro (D). Cv/p, 48 x 63,3, as. as. dir., 1961 (?).
75. A Infância da Virgem (D). Cv/p, 63,3 x 48, as. esq., 1964 (?).
76. Vista de Santa Tereza (D). Cv/p, 48 x 63,3, as. esq., dat. 67.
77. Dois Pescadores (D). Cv/p, 63,3 x 48, as. esq., 1959 (?).
78. Rendeira (D). Cv/p, 63,3 x 48, as. esq., 1960 (?). / Estudo para o óleo na coleção Emb. Sette Câmara /.
79. Cesteiro (D). Lp/p, 32,6 x 23,2, as. esq., dat. 55 Bahia. / Estudo para o óleo na Pinacoteca do Estado de São Paulo /.
80. Cogumelos (D). Lp/p, 21,4 x 32,4, as. dir., dat. 50.
81. Índios e adornos indígenas (D). Lp/p, 44,5 x 30, as. dir., data 60 Aldeia dos Canelas Maranhão.
82. Croquis de dois sanfoneiros (D). Pn/p, 44,5 x 30, as. dir., dat. 60 Aldeia dos Canelas Maranhão.
83. Presidários nas salinas de Alcântara (D). Cr/p, 28,3 x 46,6, as. dir. Alcântara 60.
84. Lavadeiras de Alcântara (D). Cr/p, 28,3 x 46,6, as. dir., datado Alcântara 60. / Estudo para o óleo na coleção José Cândido Ferraz, GB. /.
85. Estudo de rostos (D). Lp/p, 35,7 x 27,7, as. dir., dat. 43.
86. Menino cortando cana (D). Lp/p, 31,5 x 22,2, as. dir., 1952 (?).
87. Ilustração (D). Nq e lp/p, 31,7 x 22,8, as. dir., 1948 (?).
88. Moenda de milho (P). Ps/p, 31,5 x 42, as. dir., 1962 (?).
89. Roda d'água (P). Ps/p, 59,8 x 49, as. esq. 1959 (?).
90. Prensa de farinha (P). Ps/p, 59 x 49, as. dir., dat. 61.

91. Prensa de armazém de fundo (P). Ps/p, 54 x 44, as. dir., 1963 (?).
92. Fogão de melado (P). Ps/p, 59,5 x 49, as. dir., dat. 60.
93. Minha Paisagem do Hospital Santa Marta (P). Ps/p, 44 x 63, as. dir. Janeiro Fevereiro 967.
94. Figura de busto (D). Lp/p, 79 x 55, as. dir., 1941 (?).
95. Cabeça grega copiada do gesso (D). Cv/p, 63 x 45,5, não as., 1940 (?) / Executado no Liceu de Artes e Ofícios /.
96. Anjo defendendo criança da maldade humana (P). Ol/p, 47,8 x 34,5, não as., 1941 (?). / Primeira pintura a óleo executada pela artista /.
97. Natureza-Morta (P). Ol/t, 53,3 x 65,5, as. esq., 1942 (?).
98. Interior de cozinha (P). Ol/t, 60,7 x 73,5, as. dir., dat. Rio 42.
99. Figura num interior (D). Cv/p, 73 x 55, as. dir., dat. Rio 3-3-1942.
100. Auto-Retrato (P). Ol/t, 63,5 x 53, as. esq., 1942 (?).
101. Crianças e animal num interior (P). Ol/t, 73 x 60, as. esq., 1941 (?).
102. Terceiro estudo para o painel Petrobrás da Costeira (P). G e lp/ct, 59,5 x 118, as. dir., dat. 62.
103. Estudo definitivo para o painel Indústria Automobilística da Costeira (P). G/ct, 58 x 125, as. dir., dat. 62.
104. Primeiro estudo para o painel Bananal de Paraty da Costeira (D). Lp/p, 29 x 130, as. dir., dat. 62.
105. Estudo definitivo para o painel Velas do Maranhão da Costeira (P). G/p, 29 x 136, as. dir., dat. 62.
106. Estudo de Candomblé (P). G/p, 62,5 x 92,5, as. dir., 1958 (?).
107. Mulher num interior (P). Ol/t, 73 x 59,5, as. cent., dat. 7-1-942.
108. Retrato de D. Alice Dulce de Souza da Motta e Silva (P). Ol/t, 65 x 54, as. dir., 1958 (?).
109. Retrato do menino Júlio Cezar Menezes (P). Ol/t, 100 x 81,3, as. dir., dat. 59.
110. Janela (P). Tp/t, 110 x 80,5, as. dir., dat. 48 / Exposto no Salão Nacional de Belas Artes de 1949 (Divisão Moderna) /.
111. Nu de criança (P). Tp e Ol/t, 110 x 80,8, as. dir., dat. 950.
112. Igreja do Rosário em Parati (P). Ol/t, 53,7 x 72,8, as. dir., dat. 57.
113. Saveiros do Maranhão (P). Ol/t, 54 x 81, as. dir., dat. 67.
114. Mulher com peixe (P). Ol/t, 81 x 60, as. dir., dat. 66.
115. Músicos (P). Ol/t, 81 x 60, as. dir., dat. 66. / Estudo para painel cerâmico /.
116. Índia Canela (P). G/p, 36,5 x 34,1 +, as. esq., dat. 60.
117. Igreja de Parati-Mirim (P). Ol/t, 54,7 x 73,3, as. dir., dat. 66.
118. Ruínas de Alcântara (P). Ol/t, 54,5 x 73,3, as. esq., dat. 60.
119. Paisagem de Petrópolis (P). Ol/euc, 46 x 55, as. dir., dat. 65.
120. Patinadores no Rockefeller Center (P). G/p, 31,5 x 23, as. esq., dat. 46 N. Y.
121. Galo (P). Ol/t, 46 x 38, as. dir., dat. 51.
122. Ilustração (P). G/p, 37 x 29, as. dir., dat. N. Y. 46. / Ilustração para livro de contos inédito, de autoria da artista /.
123. Igreja de Ouro Preto (P). Ol/cp, 55,2 x 46, não as., s/d.
124. Nus (P). Ol/t, 52,5 x 43,5, não as., 1944 (?).
125. Retrato de Maria della Costa (P). Ol/t, 81 x 65,3, as. dir., dat. 66.
126. Auto-Retrato (P). Ol/t, 55,3 x 47,5, as. dir., dat. 45.
127. Mulher sentada (P). Ol/t, 57,6 x 29,9, as. dir., 1941 (?).
128. Moça com bandolim (P). Ol/t, 73,6 x 60,6, as. dir., dat. 67.
129. Igreja de Antônio Dias em Ouro Preto (P). Ol/t, 54,5 x 74,2, as. esq., dat. 43.
130. A Sagrada Família em Parati (P). Ol/t, 100 x 81,8, as. dir., dat. 67.
131. Auto-Retrato (P). Ol/t, 45,3 x 35,5, não as., s/d.
132. Concerto de anjos com a Virgem ao órgão (P). Ps e nq/p, 56 x 84,3 +, não as., s/d.
133. Figura masculina (D). Lp/p, 59 x 46,1, as. dir., dat. N. Y. 47.